

PREFÁCIO

Por Gisele D.Secco

DOI: <https://doi.org/10.4322/978-65-86889-41-3.p01>

Este livro é, ao mesmo tempo, um documento pedagógico e histórico. Pedagógico porque trata de refletir sobre e propor práticas interdisciplinares de ensino de ciências; histórico porque as práticas propostas são registros de oficinas interdisciplinares realizadas no ensino básico entre os anos de 2017 e 2022, como parte da disciplina de graduação intitulada "Buscando Interfaces Disciplinares no Ensino de Ciências".

Como nos contam as organizadoras, a história dessa disciplina, no entanto, começa anos antes, em 2013. A colaboração entre colegas dos Institutos de Biociências, Física e Química da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) ocorreu, inicialmente, por meio das interações proporcionadas pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), onde conversas e projetos combinando ciências, letras, matemática e filosofia foram idealizados, realizados e replicados em diversas circunstâncias.

Tendo eu mesma participado dessas conversas e projetos, como representante da filosofia na divisão das tarefas de formação de professores, afirmo que a leitura deste livro proporciona um misto de boas memórias e renovadas esperanças. As boas memórias não são as únicas, é certo, pois, ao tentar implementar práticas pedagógicas centradas em conceitos e problemas transversais – como os conceitos e problemas que cada uma das oficinas aqui relatadas aborda, desde a importância do pH para a compreensão da saúde humana e sua relação com o ambiente, passando pelos fenômenos da fotografia, do cinema e das cores na composição de imagens astronômicas, para mencionar alguns – certamente enfrentamos algumas dificuldades. Mas nenhuma delas jamais foi impedimento para que nossas curiosidades deixassem de guiar nossos estudos e propostas (o "nós" aqui não se restringe às professoras universitárias coordenadoras de cada um dos PIBID em questão, mas inclui as colegas e estudantes da rede pública de ensino, bem como nossos professores em formação).

As esperanças que sinto renovadas podem ser mais fruto de um temperamento otimista do que de uma leitura apropriada da conjuntura educacional e social na qual o livro será publicado. Dadas as atuais circunstâncias, renovar as esperanças em novos modos de ensinar ciências poderia parecer

mera ilusão. Ao fim e ao cabo, cada leitora e cada leitor decidirá se as palavras que reúno neste prefácio fazem jus à expectativa que elas geram e, mais importante, ao conteúdo do livro.

Ora, uma vez que a tarefa de descrição deste último está cumprida na Apresentação, o que me cabe aqui é tão somente qualificar o convite à leitura do livro por qualquer pessoa interessada em aprimorar, movimentando e modificando, mais ou menos radicalmente, as estruturas disciplinares que condicionam as práticas pedagógicas vigentes. É de se imaginar que, entre um tal grupo de pessoas, se encontrarão não somente professores formados e em formação, de qualquer “grande área do conhecimento” (como nomeadas nos formatos oficiais de organização do conhecimento acadêmico no Brasil), mas também pessoas dedicadas a produzir e avaliar documentos que determinam políticas públicas educacionais.

Nesse sentido, deve-se registrar a necessidade de que bons exemplos de práticas inter ou transdisciplinares, como os registrados aqui, talvez devessem ser acessados também por pesquisadores especialistas “de alto nível”, pois o universo das assim chamadas “pesquisas de ponta” é cada vez mais desafiador quando se permanece no registro das disciplinas acadêmicas. Pensemos, por exemplo, nos desafios transdisciplinares envolvidos no desenvolvimento de modelos para a compreensão e previsão de fenômenos climáticos de alto impacto, na intensificação do uso pervasivo de tecnologias digitais (dentre as quais a inteligência artificial não cessa de ser fonte de propaganda e estupefação), bem como na variedade e complexidade dos impactos que esses dois exemplos trazem para as sociedades contemporâneas.

Àqueles que imaginam que, entre a produção de “pesquisa de ponta” e as práticas pedagógicas aqui descritas, há um abismo impossível (ou indesejável?) de se atravessar, endereço a mesma provocação que tantas vezes as organizadoras deste volume me ouviram repetir: não está sempre ao alcance de nossas mãos e braços a decisão de encontrar e utilizar os melhores meios para responder às nossas curiosidades mais fundamentais? E não são elas, quase todas, muito mais complexas do que os limites disciplinares institucionais que, por mais úteis que sejam, também limitam o nosso agir? Em outras palavras: a quem interessa manter o temor de ser interdisciplinar?

Gisele D. Secco

*Doutora em Filosofia pela PUC-Rio
California State University San Bernardino*